

A morte e o estado intermediário

[ESTUDO 2]

Nenhum assunto é mais difícil para enfrentar do que a morte. A morte é uma realidade para todos os membros da raça humana (Hb 9.27). É um fato tão desagradável, que todas as culturas têm procurado encontrar recursos, às vezes extremos, para ajudar o ser humano a sobreviver além-túmulo.¹¹

O escritor americano William Saroyan, apenas cinco dias antes de sua morte, emitiu a seguinte declaração: “Todo mundo tem que morrer, mas eu sempre acreditei que haveria uma exceção no meu caso”.¹² A verdade, entretanto, é que não podemos evitá-la, todos morrerão (Rm 5.12, 6.23; Dt 30.15, 19; Sl 55.4).

I. A natureza da morte

Mas o que é a morte? De que forma podemos defini-la? Várias passagens na Bíblia falam da morte física, isto é, do cessar da vida em nosso corpo físico, não a alma. O corpo pode morrer, mas a alma, o princípio da vida, vive eternamente (Mt 10.28; Lc 12.4-5; Ec 12.7). A morte pode ser assim definida como o fim da vida física através da separação da alma e do corpo (cf. Tg 2.26).

Por causa do pecado de Adão e Eva a morte passou a todo o gênero humano, ninguém está isento. A morte é o “salário do pecado” (Rm 6.23; 1Co 15.56).¹³ A morte é um inimigo, não um amigo (1Co 15.26) e um pavor (Hb 2.15), tão horrível que mesmo aquele que triunfaria sobre ela, experimentou a tristeza diante do túmulo do Seu amigo Lázaro (Jo 11.33-36).

Após o martírio do diácono, lemos: “*Alguns homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram grande pranto sobre ele*” (At 8.2). A razão por que os crentes não lamentam como aqueles que não têm esperança (1Ts 4.13) não é que eles sabem que a morte seja boa, mas eles sabem que o amor de Deus é mais poderoso do que as mandíbulas da morte. Embora os crentes, também, sintam a dor, Cristo removeu o agulhão da morte (Jo 14.2-3; Fp 1.21; 1Co 15.54-57; 2Co 5.8). Subestimar a gravidade do inimigo só banaliza a dívida que foi paga e a conquista que foi alcançada na cruz e o túmulo vazio.¹⁴

Entretanto, Deus colocou dentro de cada um de nós um sentimento interior que a vida na Terra não é tudo que existe. A Bíblia responde a essa forma tão clara: “*Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim*” (Ec 3.11).

A razão pela qual temos esta convicção interior de que a morte não é o fim e que o céu existe, é porque fomos criados à imagem de Deus. Não somos simplesmente seres físicos, mas que também temos uma alma (ou espírito), e trazemos dentro a imagem de

¹¹ FERREIRA, Franklin e Alan Myatt. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2007, p. 1046.

¹² (Readers Digest [12/81]).

¹³ Enns, P. P. (1989). *The Moody handbook of theology* (p. 371). Chicago, IL: Moody Press.

¹⁴ Horton, M. (2011). *The Christian Faith: A Systematic Theology for Pilgrims on the Way* (p. 911). Grand Rapids, MI: Zondervan.

nosso Criador. Essa semelhança foi marcada e distorcida pelo pecado, mas ainda está lá. E assim como Deus é eterno (Is 57.15), por isso, sentimos em nossos corações que também seremos eternos.

II. Os efeitos da morte

A morte, no entanto, não deve ser entendida como aniquilação. A vida continua para crentes e descrentes após a morte do corpo. Todavia, para o descrente, a morte é uma maldição, uma penalidade, uma inimiga. Pois embora não traga a extinção, a pessoa é afastada de Deus e de toda oportunidade de obter a vida eterna (Lc 16.19-31). Porém, para os crentes, a morte possui um caráter diferente. O crente ainda passa pela morte física, mas sua maldição desaparece.¹⁵ Porque Cristo mesmo tornou-se maldição por nós, morrendo na cruz (Gl 3.13). Foi através de sua ressurreição dos mortos que Cristo conquistou Sua grande vitória sobre a morte: *“Havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre: a morte já não tem domínio sobre ele”* (Rm 6.9).

Entretanto, se os crentes já estão justificados em Cristo, surge à questão: por que os crentes têm que morrer? Esta questão é, de fato, levantada no catecismo de Heidelberg, Questão 42: “Então, uma vez que Cristo morreu por nós, porque temos nós também de morrer? Observe a resposta: “Nossa morte não é uma satisfação de nossos pecados, mas é apenas um morrer para os pecados e entrar na vida eterna”. Para Cristo, a morte foi parte do curso de sua vida. Para nós, a morte é fonte de bênção.

Cristo não redime Seu povo apenas do pecado; Ele também o redime dos resultados do pecado, e a morte é um deles: *“Cristo destruiu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade”* (2Tm 1.10). Por causa disto, o fato de que na nova Jerusalém não mais haverá morte é uma culminação adequada da obra redentora de Cristo (Ap 21.4).¹⁶

Tudo isso implica em que a morte, nosso “último inimigo” (1Co 15.26), através da obra de Cristo, tornou-se o servo que abre as portas para a felicidade celestial. A morte para o cristão, portanto, não é o fim, mas um glorioso novo indício.¹⁷ No entanto, a grande questão é: o que acontece depois da morte?

III. O estado intermediário

O “estado intermediário” é o tempo entre a morte e a ressurreição. Muitos pastores ouvem junto ao túmulo: “Onde a vovó está agora? O que ela está fazendo? Ela já está com Jesus? A vovó e o vovô estão juntos de novo? Ela sabe o que estamos fazendo?”.¹⁸ Essas perguntas são cruciais. Na verdade, sabemos muito pouco das Escrituras sobre o estado intermediário.¹⁹ Quase todas as passagens citadas sobre o céu se referem a eternidade ao invés do estado intermediário. Além disso, existem várias correntes sobre o estado intermediário.

¹⁵ ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2002, p. 483.

¹⁶ HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 101.

¹⁷ HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 103.

¹⁸ ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2002, p. 487.

¹⁹ Horton, M. (2011). *The Christian Faith: A Systematic Theology for Pilgrims on the Way* (p. 911). Grand Rapids, MI: Zondervan.

A. O sono da alma.

Os defensores do sono da alma dizem que durante o período entre a morte e a ressurreição, a alma repousa num estado de inconsciência até o julgamento final.²⁰ Esta doutrina é sustentada pelos Adventistas do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová e grupos menores. Os que creem no sono da alma afirmam que a Bíblia, muitas vezes utiliza a simbologia do sono ao se referir a morte (1Ts 4.13, 14; Jo 11.11-14). Porém, o uso do termo “dormir” para descrever a morte é uma expressão figurativa e eufemística para enfatizar o fato de que a pessoa falecida ainda vive. Além disso, o relato dado por Jesus do estado do homem rico e Lázaro imediatamente após a morte demonstra claramente que eles não estavam dormindo ou inconscientes (Lc 16.22-31).

Essa noção geralmente tem duas consequências. A primeira é a negação de que existe um estado intermediário, ou seja, uma existência consciente entre a morte e a ressurreição. Eles acreditam que a pessoa não existe. A segunda consequência é a doutrina do aniquilamento das almas dos ímpios. Depois do juízo final, os ímpios serão jogados no inferno e consumidos pelas chamas.²¹ Eles sofrerão um aniquilamento irrevogável.

Entretanto, as Escrituras tratam do estado intermediário como a existência consciente, não o sono alma (Sl 16.10; 49.14-15; Ec 12.7; Lc 16.22, 23.43; Fp 1.23; 2Co 5.8; Ap 6.9-11; 14.13).²² O corpo, sem a alma, está morto (Tg 2.26), mas para os crentes, estar ausente do corpo é estar presente com o Senhor (2Co 5.8). Nem a consumação eterna nem inconsciência, este estado intermediário é a preservação da consciência pessoal dos fiéis em sua presença, aguardando a ressurreição dos mortos de Deus. No livro do Apocalipse, *“Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?”* (Ap 6.9-10). Conscientes de sua bem-aventurança, as almas dos mártires também estão conscientes de que a sua salvação completa ainda não foi plenamente realizada.

Aqui está um quadro das almas na presença de Deus. Enquanto seus corpos ainda estão na sepultura aguardando a ressurreição final, o Espírito de Deus conforta seus espíritos, porque Ele é o Deus de toda consolação. Jesus disse: “[Deus] não é o Deus dos mortos, mas dos vivos” (Mc 12.27). Como Jesus declarou ao criminoso arrependido que foi crucificado com Ele: *“Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso”* (Lc 23.43).

B. O purgatório

A Igreja Católica Romana e as igrejas ortodoxas gregas ensinam que os fiéis que viveram vidas imperfeitas devem passar algum tempo no “purgatório”, a fim de que seus

²⁰ Duffield, G. P., & Van Cleave, N. M. (1983). *Foundations of Pentecostal theology* (p. 517). Los Angeles, CA: L.I.F.E. Bible College.

²¹ FERREIRA, Franklin e Alan Myatt. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2007, p. 1047.

²² Horton, M. (2011). *The Christian Faith: A Systematic Theology for Pilgrims on the Way* (p. 912). Grand Rapids, MI: Zondervan.

pecados e imperfeições sejam removidos.²³ De acordo com a Igreja de Roma, as almas dos que não se acham perfeitamente purificados, que ainda levam sobre si a culpa de pecados veniais e não sofreram o castigo temporal devido aos seus pecados – esta é a condição da maioria dos fiéis quando morrem – tem que se submeter a um processo de purificação, antes de entrar nas supremas alegrias e bem-aventuranças do céu. Em vez de entrarem imediatamente no céu, entram no purgatório.²⁴ Além de contradizer as doutrinas centrais do evangelho, a ideia de que mesmo depois da morte, as pessoas entram em um estado de purificação não tem apoio bíblico. Assim,

Além disso, de acordo com a Igreja Católica, o tempo no purgatório pode ser reduzido por presentes ou serviços prestados à igreja ou por orações feitas por familiares. A doutrina do purgatório não tem apoio nas Escrituras. A doutrina é baseada em uma passagem encontrada no livro apócrifo de 2Macabeus 12.41-43. Os livros apócrifos não fazem parte do cânon das Escrituras.

De acordo com o Catecismo da Igreja Católica,

“Todos os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas ainda imperfeitamente purificados, embora tenham garantido a sua salvação eterna, mas após a morte passam por uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do céu. A Igreja dá o nome de Purgatório a essa purificação final dos eleitos, que é completamente diferente do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativa ao Purgatório sobretudo no Concílio de Florença e de Trento... A Igreja recomenda também as esmolas, as indulgências e as obras de penitência em favor dos mortos”.

Quanto àqueles que morrem em pecado mortal, o ensinamento da igreja afirma a existência do inferno e sua eternidade. Imediatamente após a morte, as almas daqueles que morrem em estado de pecado mortal descem ao inferno, onde sofrem as penas do inferno, o fogo eterno.²⁵

O ensino claro das Escrituras, no entanto, é que cada crente estará com o Senhor após a morte. Não nenhuma referência nas Escrituras quanto aos sofrimentos do purgatório. Além disso, o conceito de purgatório viola o claro ensino da Escritura da suficiência do sangue de Cristo para purificar do pecado e da salvação pela graça através da fé. (Hb. 10.10-23; Ef 2.8-10; Rm 3.24-28, 5.1, 2, 9, 10, 8.1, 31-39, 10.8-11; 1Jo 2.1-2, 3.1, 2).

C. O Espiritismo e a reencarnação.

A reencarnação é uma antiga crença encontrada em muitas religiões pagãs. Existem variações sobre a noção da reencarnação, mas a ideia básica é que, através de uma série de mortes e renascimentos, pode-se, eventualmente, purificar-se de todos os pecados. A alma ou espírito encarna-se repetidamente, num processo de ascensão na

²³ Duffield, G. P., & Van Cleave, N. M. (1983). *Foundations of Pentecostal theology* (p. 516–517). Los Angeles, CA: L.I.F.E. Bible College.

²⁴ BERKOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 633.

²⁵ Horton, M. (2011). *The Christian Faith: A Systematic Theology for Pilgrims on the Way* (p. 914). Grand Rapids, MI: Zondervan.

corrente do Ser. Os que defendem a doutrina da reencarnação acreditam que a alma da mesma pessoa continua, apenas esquecendo-se das vidas anteriores.²⁶

O conceito oriental de reencarnação é mais apropriadamente chamado de transmigração. Como a reencarnação, a alma passa por ciclos de nascimento, vida, morte e renascimento, mas o renascimento da alma não é necessariamente em forma humana. Dependendo dos pecados cometidos numa vida anterior, uma pessoa pode voltar como outra coisa, digamos, como um roedor ou inseto. Isto, naturalmente, é terrível para a maioria dos ocidentais, de modo que a “transmigração” foi redefinida como “reencarnação”, a fim de torná-la mais atraente.²⁷

Na Índia, devido à crença no karma e transmigração das almas, resultou em certa relutância em matar o gado, ratos e até mesmo insetos. As pessoas morrem de fome nas próprias ruas onde as vacas andam livremente.

O perigo da reencarnação é duplo. Primeiro, os defensores dessa doutrina afirmam que a Bíblia ensina a reencarnação, seduzindo, assim, muitos cristãos a aceitarem interpretações equivocadas das Escrituras (Mt 11.7-14; Jo 3.3; Jo 9.1-2) Em segundo lugar, se opõe a muitas das doutrinas fundamentais da igreja cristã, em particular as doutrinas da expiação, julgamento e ressurreição.²⁸

Além disso, o espiritismo ensina que entre as encarnações, o espírito dos mortos pode se comunicar com os vivos na Terra, por intermédio dos médiuns. Não há evidência na Bíblia para sugerir que pode haver comunicação legítima entre os vivos e os mortos. De fato, as Escrituras de forma inequívoca proíbem qualquer tentativa de fazê-lo (Lv 19.31, 20.6, 27; Dt 18.9-12; Is 8.19, 20; 1Cr 10.13, 14).²⁹ Há duas explicações para os fenômenos espíritas: (1) Eles são produzidos por manipulações fraudulentas, como foi muitas vezes provado, (2) Eles são produzidos por “espíritos mentirosos” (1Rs 22.22, 23; 1Tm 4.1).

A. A reencarnação banaliza a expiação.

Teologicamente, a “expiação” significa “cobrir”, e transmite a ideia de que o homem rebelde e pecador foi reconciliado com Deus pela morte sacrificial de Cristo (Cl 1.20; 1Jo 2.2), de modo que os crentes são perdoados e “justificados” diante de Deus (2Co 5.21; Rm 5.8-10). Desta forma, não há nada que possamos fazer para ganhar a salvação. É um dom gratuito de Deus (Ef 2.8-9). Tudo o que temos que fazer é receber este presente é aceitar pela fé a Jesus como Senhor e Salvador (Rm 10.9; 1Jo 4.15).

A reencarnação, pelo contrário, afirma que somente através do ciclo contínuo de morte e renascimento é a alma, finalmente, purificada do pecado e considerada digna de paz eterna através da absorção com o eterno Uno, do qual a alma se originou. Esta doutrina elimina a necessidade de um salvador pessoal e o trabalho sacrificial de Cristo.

²⁶ FERREIRA, Franklin e Alan Myatt. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2007, p. 1048.

²⁷ Story, D. (1997). *Defending your faith* (p. 180). Grand Rapids, MI: Kregel Publications.

²⁸ Story, D. (1997). *Defending your faith* (p. 179–181). Grand Rapids, MI: Kregel Publications.

²⁹ Duffield, G. P., & Van Cleave, N. M. (1983). *Foundations of Pentecostal theology* (p. 518–519). Los Angeles, CA: L.I.F.E. Bible College.

a reencarnação enfatiza a salvação em uma forma de “justiça pelas obras”, no qual os nossos atos, em vez da morte de Cristo expiam nossos pecados (Tt 3.5).³⁰

É impossível harmonizar a reencarnação com a doutrina bíblica da salvação.

B. A reencarnação banaliza o juízo final.

A Bíblia ensina que, no momento da morte, a alma deixa o corpo imediatamente (Gn 35.18). Naquele momento, os crentes são levados à presença de Deus (2Co 5.8; Fp 1.21-23), e os incrédulos ao hades (Lc 16.19-31). No juízo final haverá ressurreição de ambos, os salvos e os não salvos (Jo 5.29). Os salvos passarão a eternidade com o Senhor no céu (Jo 14.1-3). Os perdidos serão lançados no inferno e serão punidos de acordo com o grau de seus pecados e conhecimento de Deus (Ap 20.11-15, Lc 12.47-48). O evangelho de Mateus descreve o inferno como a separação eterna e consciente de Deus (cf. Mt 8.12; 25.31-46; Ap 20.15).

Entretanto, a teoria da reencarnação nega a separação eterna de Deus e ensina que, através dos ciclos intermináveis de morte e renascimento, a alma do homem acabará por ser purificada do mal e se unirá com o todo-abrangente Uno. Não há inferno na reencarnação.

A reencarnação denigre a santidade de Deus através da remoção do julgamento final. É também uma afronta à justiça de Deus, porque pune as pessoas nesta vida pelos pecados cometidos em vidas passadas, sem permitir que se lembre de seu passado para que possam evitar a repetição de seus erros no futuro. Finalmente, a reencarnação elimina qualquer responsabilidade por parte do homem ao rejeitar Jesus Cristo. Se a reencarnação fosse verdadeira, o sacrifício de Jesus foi em vão.

C. A reencarnação banaliza a ressurreição.

A doutrina bíblica da ressurreição ensina que o corpo mortal será transformado em imortal (1Co 15.42; Rm 6.9). Sabemos disso porque Jesus ressuscitou em um corpo físico (Lc 24.39, Jo 20.27), e somos informados de que teremos um corpo ressuscitado semelhante ao dele (1Jo 3.2; 1Co 15.35-49).

A reencarnação é totalmente diferente da visão cristã da ressurreição. A reencarnação enfatiza o renascimento da alma em uma sucessão de muitos corpos, inúmeras chances para purificar o corpo mortal do pecado. Porém, a Bíblia é clara, só existe uma oportunidade de receber a salvação antes da ressurreição (Hb 9.27).

³⁰ Story, D. (1997). *Defending your faith* (p. 184). Grand Rapids, MI: Kregel Publications.

Conclusão:

Conforme Millard J. Erickson é possível encontrar várias implicações da doutrina da morte e do estado intermediário:

A morte deve ser esperada por todos, crentes e incrédulos. A menos que estejamos vivos por ocasião da volta do Senhor, também passaremos por ela. É importante que levemos esse fato a sério, vivendo de acordo com ele.

Embora a morte seja um inimigo, agora ela já foi vencida, tendo sido aprisionada por Deus. Portanto, não é preciso temê-la, pois sua maldição foi removida pela morte e ressurreição de Cristo. Podemos enfrentá-la em paz, pois sabemos que agora obedece aos propósitos do Senhor, o propósito de tomar para Si os que nele depositaram a fé.

Entre a morte e a ressurreição, há um estado intermediário em que crentes e incrédulos experimentam, respectivamente, a presença e a ausência de Deus. Embora essas experiências sejam menos intensas que nos estados finais, são iguais quanto à natureza qualitativa.

Tanto nesta vida quanto na vida porvir, a base do relacionamento do crente com Deus é a graça, não as obras. Não precisamos temer, portanto, que nossas imperfeições venham a exigir algum tipo de purgação após a morte, antes de podermos entrar na plena presença de Deus.³¹

Certa pessoa ao visitar a Biblioteca Billy Graham percebeu algo diferente na cruz da biblioteca e perguntou ao seu anfitrião: “Onde está Jesus? Por que não está na cruz?” Seu anfitrião sorriu e disse: “Não adoramos um crucifixo. Jesus morreu na cruz, mas Ele não ficou na cruz... Ele vive!”³²

A razão pela qual a vida não termina no túmulo é porque o Filho de Deus venceu a morte e vive para trazer novidade de vida a todos os que invocam o Seu nome (Rm 10.9).

Nossa vida atual é um estar ausente do Senhor, uma espécie de peregrinação (2Co 5.6-8). A morte, para o cristão, entretanto, é um chegar em casa. É o fim de sua peregrinação; é seu retorno à sua casa verdadeira.³³ Esta é a nossa esperança!

³¹ ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2002, p. 491.

³² Graham, B. (2012). *The heaven answer book*. Nashville: Thomas Nelson.

³³ HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 130.